

**ANA PAULA MARTINS MENDES**

**ESTUDO DA DIETA DE *Lutra longicaudis* (CARNIVORA; MUSTELIDAE), ATRAVÉS DA  
ANÁLISE DO CONTEÚDO FECAL.**

**Monografia entregue ao Departamento de  
Zoologia, Setor de Ciências Biológicas da  
Universidade Federal do Paraná, como  
requisito para obtenção do grau de  
Bacharel em Ciências Biológicas.**

**CURITIBA**

**1996**

**ANA PAULA MARTINS MENDES**

**ESTUDO DA DIETA DE *Lutra longicaudis* (CARNIVORA; MUSTELIDAE), ATRAVÉS DA  
ANÁLISE DO CONTEÚDO FECAL.**

**ORIENTADOR: PROF. EMYGDIO L. A. MONTEIRO FILHO**

**CURITIBA**

**1996**

**II**

## ÍNDICE:

Agradecimentos.....	IV
Resumo.....	V
1. Introdução.....	1
2. Material e Métodos.....	3
2.1 Área de Estudo.....	4
2.2 Metodologia.....	7
3. Resultados.....	9
4. Discussão.....	15
5. Bibliografia.....	18
6. Anexo 1.....	21

## AGRADECIMENTOS:

Ao professor e amigo Emygdio, pela dedicação e paciência em ter me orientado.  
Valeu mestre!

Ao Prof. José Marcelo Rocha Aranha e ao Fernando César Weber Rosas por terem participado da minha banca, obrigado pelo apoio.

Aos meus amigos de graduação Denise, Mônica, Regina e Nelson pelo incentivo, carinho e grande amizade.

Ao pessoal da sala do Emygdio, Marcelo, Marina, Juliana, Eloisa, Nilton e "Free Way" pela grande ajuda que me deram em várias dificuldades e dúvidas que tive ao desenvolver minha monografia.

À super Rô, bióloga e secretária da Coordenação de Biologia, uma grande amiga, sempre disposta a ajudar nós alunos, para que conseguíssemos alcançar nossa meta.

Principalmente aos meus irmãos Nane, Diso, Dara, Beto e Tico; às minhas cunhadas, ao meu cunhado e à todos os meus sobrinhos, por terem acreditado na minha capacidade e permitido que chegasse até aqui.

Ao meu namorado Sérgio pela paciência, carinho e o companheirismo.

Aos meus pais (*in memoriam*) pelo amor e educação.

E à todos aqueles que colaboraram direta ou indiretamente para conclusão de mais esta etapa.

## RESUMO:

Neste trabalho foi realizado um estudo alimentar sobre *Lutra longicaudis* através da análise de amostras fecais. Este método foi escolhido por ser não invasivo e não letal. As fezes analisadas foram obtidas de três diferentes áreas, Ubatuba e Américo Brasiliense no Estado de São Paulo e Morretes no Estado do Paraná.

Com a triagem das fezes obtive seis categorias alimentares, que foram: insetos, crustáceos, peixes, répteis, mamíferos e vegetais. Destas categorias, a de maior ocorrência foi peixes, apesar de não ter aparecido em todas as amostras que foram analisadas. Como as fezes foram coletadas em épocas distintas, foi realizada uma análise sazonal, separando-as em duas estações: uma seca e uma úmida. Com este tipo de análise observei que houve variação das categorias alimentares utilizadas nestas estações.

Utilizando o coeficiente de Sorensen analisei se a dieta das lontras foi diferente nas três áreas amostradas, verificando que independente das distâncias existentes entre essas áreas houve uma grande similaridade dos recursos utilizados.

## 1. INTRODUÇÃO:

A lontra, *Lutra longicaudis*, é um animal carnívoro de hábito semi-aquático que ocorre desde o norte da Argentina, Paraguai, Uruguai e em todo Brasil, exceto nas porções mais áridas da região nordeste (VIEIRA, 1955; CABRERA, 1957; FONSECA, 1994).

Possui atividade diurna e noturna e é caracterizada por corpo esguio com pelagem densa de cor marrom pardacento muito lustroso sendo o focinho desprovido de pêlos (SILVA, 1984). Habitando particularmente rios, é severamente perseguida pelo valor de sua pele. Dada a esta característica e a grande destruição de ambientes aquáticos, as lontras estão se extinguindo em locais onde existiam anteriormente (SILVA, 1984; EISENBERG, 1989; FONSECA, 1994). *Lutra longicaudis* consta como espécie vulnerável na IUCN (1994) e é citada como espécie em extinção por Silva (1984) e Schouten (1992).

Devido às suas adaptações aquáticas, alimenta-se eficientemente em rios, lagoas ou tanques existentes em seu habitat. Contudo, as lontras do hemisfério sul tem sido pouco estudadas com relação as do norte (EISENBERG, 1989).

A despeito de sua ampla distribuição em território brasileiro, raras são as informações sobre o aspecto da biologia desta espécie. Entre os estudos realizados, há o registro do número de filhotes de uma fêmea do Brasil central (CRESPO, 1982 apud EISENBERG, 1992) e dois estudos sobre alimentação, um em rio de Mata Atlântica do Estado de São Paulo (PARDINI, 1996) e outro em regiões próximas a arroios no Estado do Rio Grande do Sul (WALDEMARIN & COLARES, 1996).

Analisando a dieta da lontra com base no conteúdo de 580 amostras fecais Pardini (1996) verificou a existência de sete diferentes categorias de itens alimentares, sendo elas: crustáceos, insetos, peixes, anfíbios, répteis, aves e mamíferos. Três foram os grupos mais predados, a saber: peixes, crustáceos e insetos (93%, 72,4% e 21%

respectivamente). Os outros aparecem em frequência baixa de 21%.

Já o trabalho realizado em dois arroios do Estado do Rio Grande do Sul, revelou apenas cinco categorias de itens alimentares; moluscos, crustáceos, peixes, aves e mamíferos (WALDEMARIN & COLARES, 1996). Neste caso a categoria de maior ocorrência também foi peixe.

Tendo em vista a carência de informações sobre os diferentes aspectos da biologia de lontras em todo o Brasil, este estudo tem como propósito fazer uma análise comparativa da dieta de lontras existentes em três localidades distintas, com base em fragmentos encontrados em amostras fecais.

## 2. MATERIAL E MÉTODOS:

### 2.1 Área de Estudo:

Foram estudadas três áreas distintas, sendo duas no Estado de São Paulo (Ubatuba e Américo Brasiliense) e uma no Estado do Paraná (Morretes) (Fig. 1). A área 1 é Ubatuba e esta localizada no litoral paulista ( $23^{\circ}55'S$ ;  $45^{\circ}04'W$ ). As fezes foram coletadas sobre as rochas de um riacho com nascente na encosta da Serra do Mar (Fig. 2). Em quase toda sua extensão o riacho corre no interior da mata pluvial costeira atlântica (SABINO & CORRÊA E CASTRO, 1990).

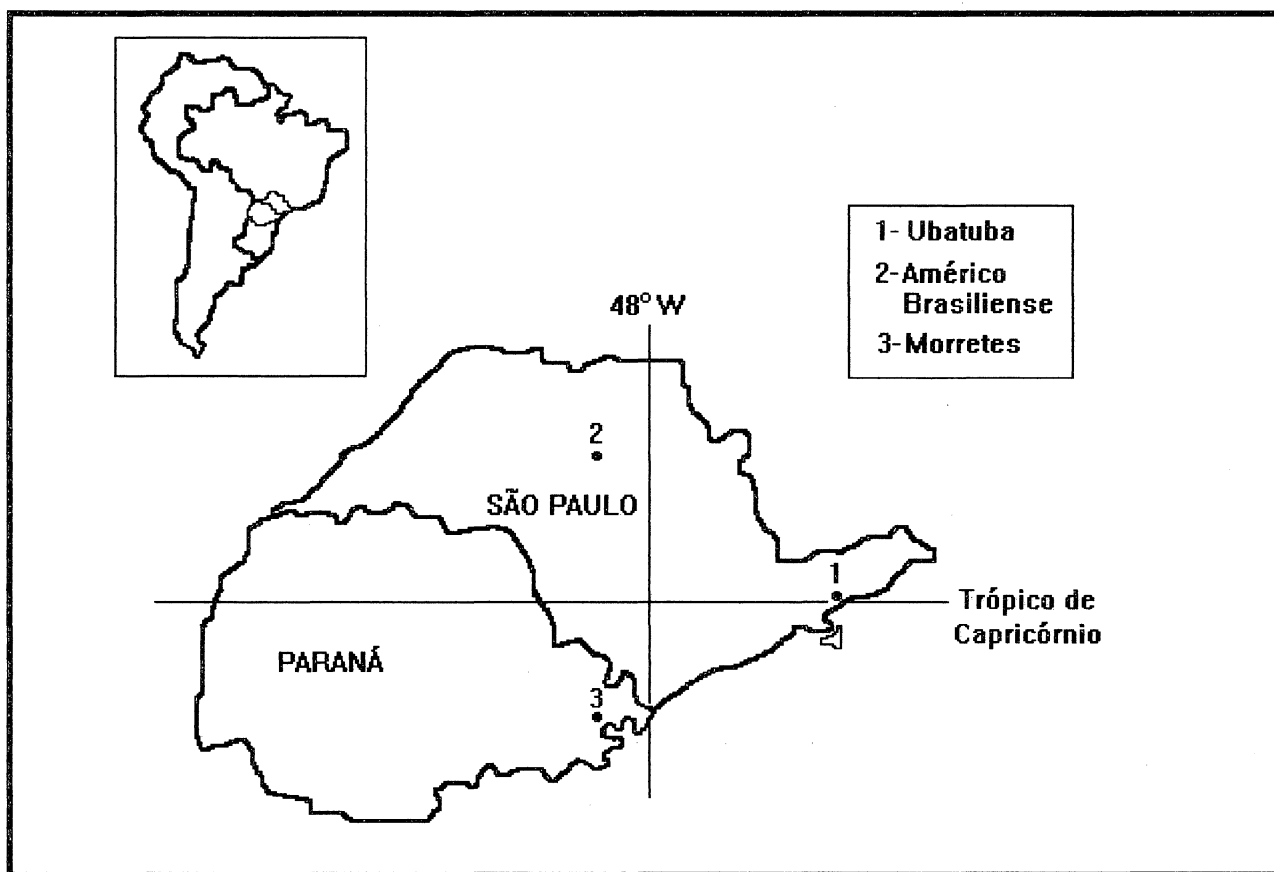
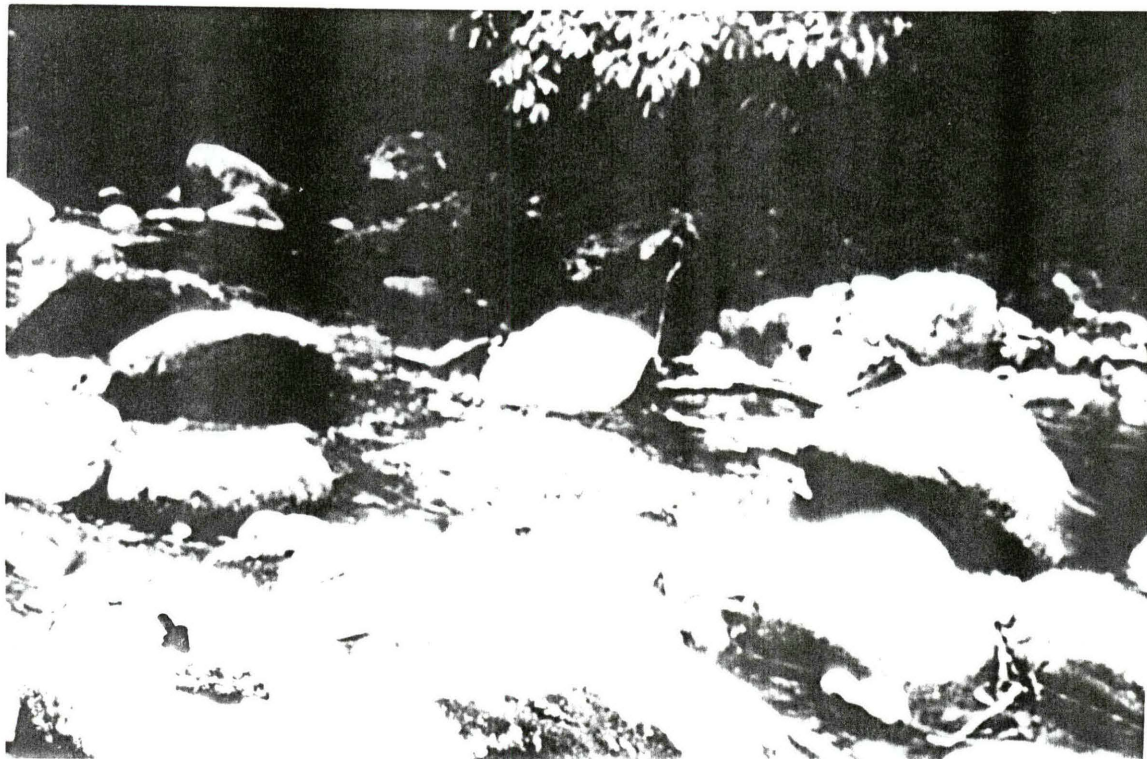


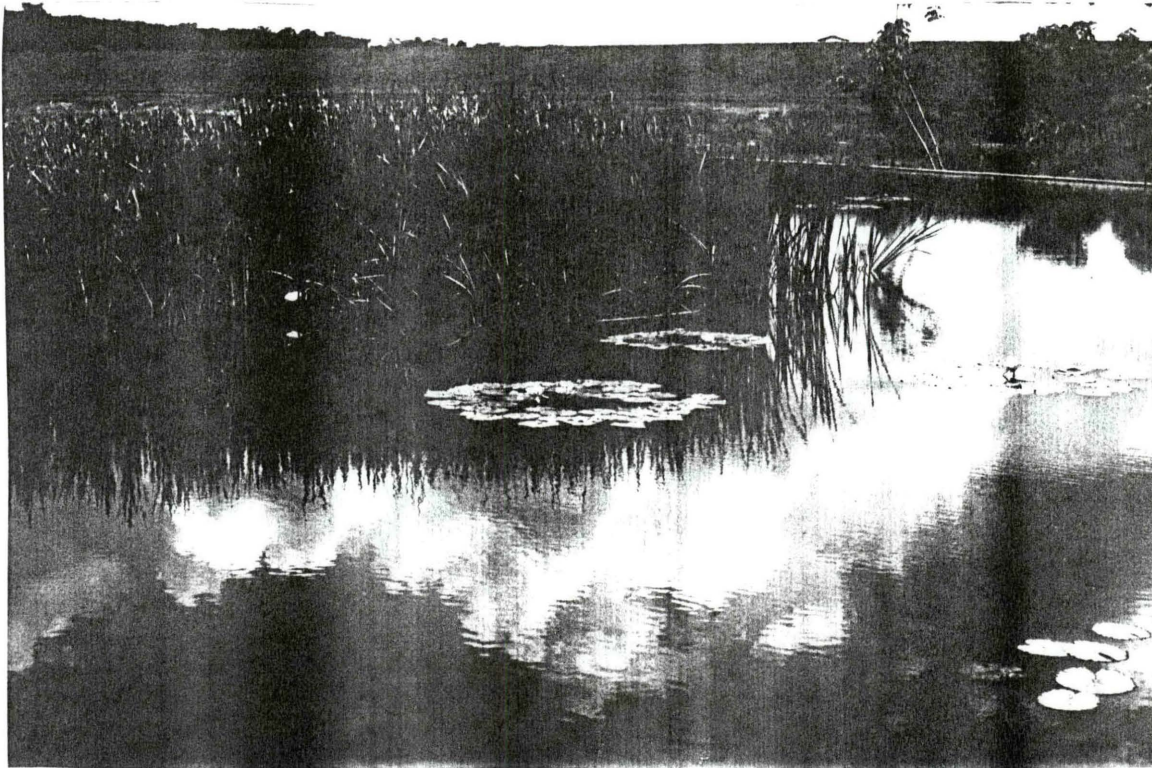
FIGURA 1: Posicionamento dos locais de coleta nos estados de São Paulo e Paraná.





**FIGURA 2:** Riacho no qual foram coletadas as fezes de *Lutra longicaudis* no município de Ubatuba, litoral paulista (Foto de Ivan Sazima).

A área 2, localizada no Estado de São Paulo, localiza-se no município de Américo Brasiliense (21<sup>o</sup>48'S; 48<sup>o</sup>12'W), e tem como característica principal os cerrados. As amostras fecais foram coletadas em uma área lacustre e brejosa pertencentes ao Clube Náutico Araraquara, cujos proprietários tem preservado e protegido os exemplares da fauna silvestre local, como é o caso das lontras. Nesta área, amostras fecais foram obtidas sobre rochas à margem do Ribeirão Anhumas e sobre rochas existentes em uma área brejosa com ajardinamento ( Fig. 3).



**FIGURA 3:** Lagoa existente em uma área brejosa com ajardinamento situada no Clube Náutico de Araraquara, no município de Américo Brasiliense, na qual foi coletada uma das fezes de *Lutra longicaudis* (Foto Emygdio L. A. Monteiro Filho).

A área 3, pertence ao município de Morretes (25<sup>0</sup>30'S; 48<sup>0</sup>29'W) Estado do Paraná (MAACK, 1968). As fezes foram coletadas em uma lagoa formada por um desvio do Rio Nhundiaquara, o qual passa ao lado de uma fazenda. A lagoa é constituída por gramíneas e pequenos arbustos (com até 2m de altura). Há também várias rochas que ficam expostas na época da seca. A área estudada é uma propriedade particular, Fazenda Júlio. Fisionomicamente a vegetação corresponde a uma pequena área de Floresta Atlântica de planície costeira, com grandes áreas de plantações (Fig. 4).



**FIGURA 4:** Lagoa formada por um desvio do rio Nhundiaquara, onde foram coletadas as fezes de *Lutra longicaudis*. A vegetação corresponde a uma pequena área de Floresta Atlântica, localizada na Serra do Mar, região de Morretes - Pr (Foto de Eloisa M. Wistuba).

## **2.2 Metodologia:**

O método adotado neste estudo é o de análise da dieta através das fezes. Este método, contudo, apresenta limitações, pois determinados itens da dieta são totalmente digeridos e não aparecem nas fezes, por outro lado, foi o escolhido por não acarretar prejuízo à população em estudo.

Considerando a dificuldade no encontro de fezes e que os volumes encontrados apresentaram grandes diferenças, a análise das fezes foi feita com base em amostragens padronizadas arbitrariamente em 5 ml por amostra fecal. Fezes com menos de 5 ml de volume total foram considerados na íntegra.

Durante a coleta, as fezes foram colocadas em sacos plásticos, onde constava o número da amostra, o local de coleta, a data e o nome do coletor.

Em laboratório as fezes foram lavadas para retirar o excesso de material totalmente digerido e eventuais partículas do solo, tomando cuidado para não perder restos digeridos, mas ainda identificáveis. Durante o processo de lavagem das fezes, foi utilizada uma peneira plástica com malha fina. Posteriormente, as fezes foram secadas sobre papel toalha e os itens existentes separados com auxílio de um microscópio estereoscópico.

Com o intuito de analisar a ocorrência das categorias alimentares nas fezes, foi obtida a frequência das categorias alimentares utilizadas pelas lontras que correspondem a porcentagem de ocorrência da categoria nas fezes, ou seja porcentagem de fezes que continha um determinado item ou categoria (BRILLHART & KAUFMAN, 1995; FACURE 1996). Tendo em vista que alguns carnívoros utilizam itens alimentares de tamanhos distintos, a frequência em que eles ocorrem apresenta uma tendência em superestimar a sua importância (FLOYD *et al.*, 1978; FACURE, 1996). Assim, utilizei neste estudo também uma estimativa do volume relativo das categorias encontradas (porcentagem do

volume de uma determinada categoria em relação ao volume total de todas as categorias); como já havia sido feito para o texugo na Europa (MOURCHES, 1981) e para o cachorro-do-mato no Brasil (FACURE, 1996).

Posteriormente, as amostras fecais foram separadas em duas estações básicas, de acordo com as condições climáticas. Esta separação foi feita para verificar se há diferença nos volumes das categorias encontradas. Assim, as amostras coletadas entre os meses de abril e setembro foram consideradas como sendo obtidas durante a estação seca, ao passo que as obtidas entre outubro e março, à estação úmida.

Tendo em vista que as fezes foram coletadas em três diferentes locais, distantes pelo menos 500 km entre eles, os dados obtidos foram então submetido ao coeficiente de Sorensen que é um índice de similaridade binário cujos valores variam de 0 a 1, sendo 1 a similaridade máxima (KREBS, 1989):

$$S_s = \frac{2a}{2a + b + c}$$

Onde:

Ss: coeficiente de Sorensen

a: número de itens em comum nos locais A e B

b: número de itens do local B, ausentes em A

c: número de itens do local A, ausentes em B

### 3. RESULTADOS:

Durante o processo de triagem, os itens alimentares contidos na fezes de *Lutra longicaudis* foram separados, para depois serem classificados em categorias. As lontras tem o hábito de triturar bem suas presas, restando em suas fezes, somente pequenos fragmentos. Foram analisadas treze amostras fecais coletadas nas três diferentes áreas.

Após a triagem, os itens encontrados foram classificados a nível de grandes categorias, pois uma classificação a nível específico tornou-se inviável pela falta de uma coleção de referências das categorias alimentares encontradas nas áreas amostradas, dificultando a identificação. Foram então adotadas as categorias já utilizadas por Pardini (1996) e Waldemarin & Colares (1996) em estudos realizados no Brasil. Assim, as categorias encontradas foram: insetos, crustáceos, peixes, répteis, mamíferos e vegetais não identificados (Tab. 1).

A categoria mais freqüente foi vegetal (Fig. 5), ocorrendo em todas as treze amostras (100%). Peixes foram reconhecidos através de ossos e escamas ocorrendo em 84,6 e 53, 8% das amostras, respectivamente (Fig. 5 e 6). Com relação às escamas de peixes observou-se a presença de três a cinco diferentes formas. As categorias insetos e crustáceos (Fig. 7) apresentaram a mesma freqüência de ocorrência com 38,5%, estando presentes em cinco das fezes. Com base na presença de pêlos (Fig. 8) foi possível verificar que houve predação sobre duas diferentes espécies de mamíferos em apenas uma amostra fecal (7,7%). Já os répteis foram caracterizados pela presença de escamas também em apenas uma amostra (7,7%).

Levando-se em conta o volume total das amostras, 60,9 ml (100%), as categorias encontradas estiveram assim distribuídas: peixes foi a categoria mais volumosa com ossos correspondendo a 42,2% do volume total e escamas a 5,2%. Apesar de ocorrer em somente uma amostra, os pêlo de mamíferos apresentaram um volume de 31,2%. Já os crustáceos

apresentaram um volume de 18%, ao passo que os insetos somente 0,4%. Os vegetais que estavam presente em todas as amostras, tinham somente 2,8% do volume total. Répteis não tiveram seu volume medido tendo em vista que a sua presença foi detecta apenas por poucos fragmentos de escamas.

A relação entre a frequência em que as categorias ocorreram e os volumes obtidos podem ser melhor comparados na Fig. 9.

**TABELA 1:** Frequência de ocorrência (%) e porcentagem do volume total das categorias alimentares obtidas a partir de treze amostras de fezes de *L. longicaudis* coletadas em três localidades entre os estados de São Paulo e Paraná.

<b>CATEGORIAS ALIMENTARES</b>	<b>Nº de amostras</b>	<b>Frequência (%)</b>	<b>Porcentagem do Volume total</b>
<b>Insetos (fragmentos)</b>	5	38,5	0,4
<b>Crustáceos (fragmentos)</b>	5	38,5	18
<b>Peixes (ossos)</b>	11	84,6	42,4
<b>Peixes (escamas)</b>	7	53,8	5,2
<b>Répteis (escamas)</b>	1	7,7	0,16
<b>Mamíferos (pêlos)</b>	1	7,7	31,2
<b>Vegetais (não identificados)</b>	13	100	2,8

Com relação à análise sazonal das categorias encontradas nas nove amostras fecais coletadas na estação seca e nas quatro da estação úmida (Fig. 10), é possível verificar que vegetais, insetos e répteis não apresentaram grandes diferenças entre as duas estações. Os crustáceos e mamíferos foram mais consumidos na estação úmida, já a categoria peixes teve um grande consumo na estação seca.



FIGURA 5: Restos de vegetais (a) e Ossos de peixes (b).

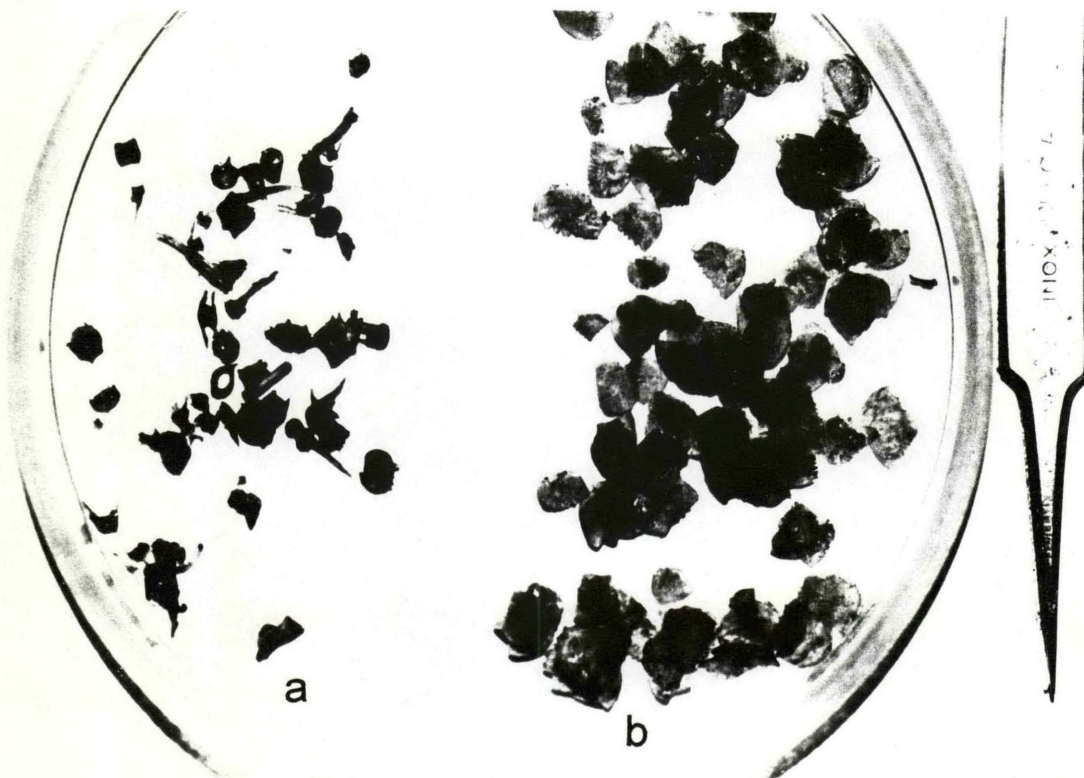


FIGURA 6: Vértabras de peixe (a) e Escamas de peixe (b).

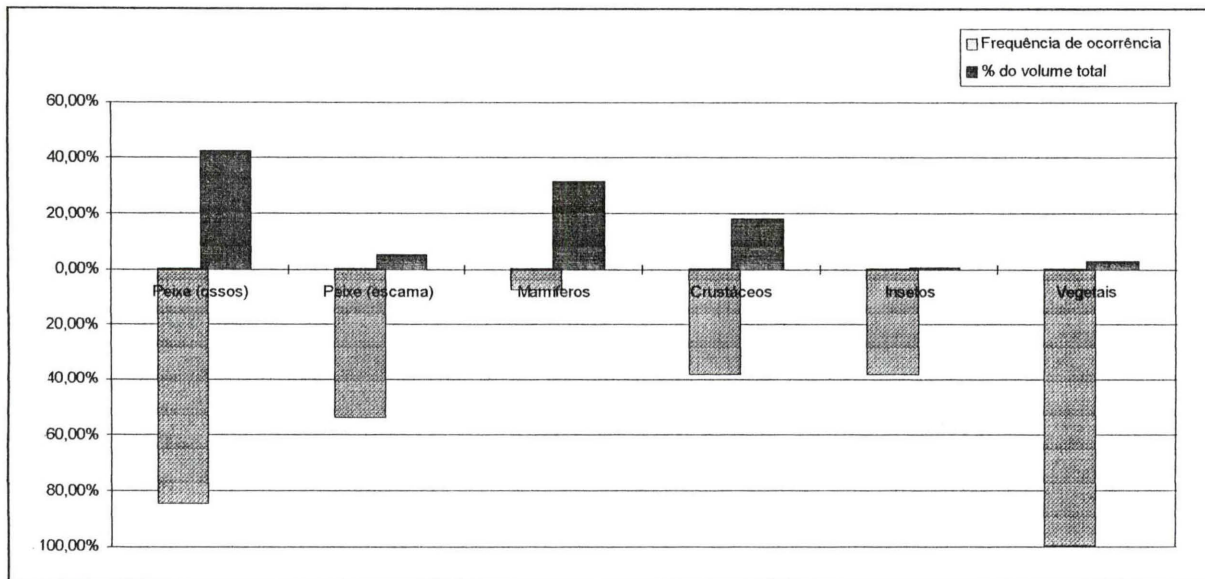




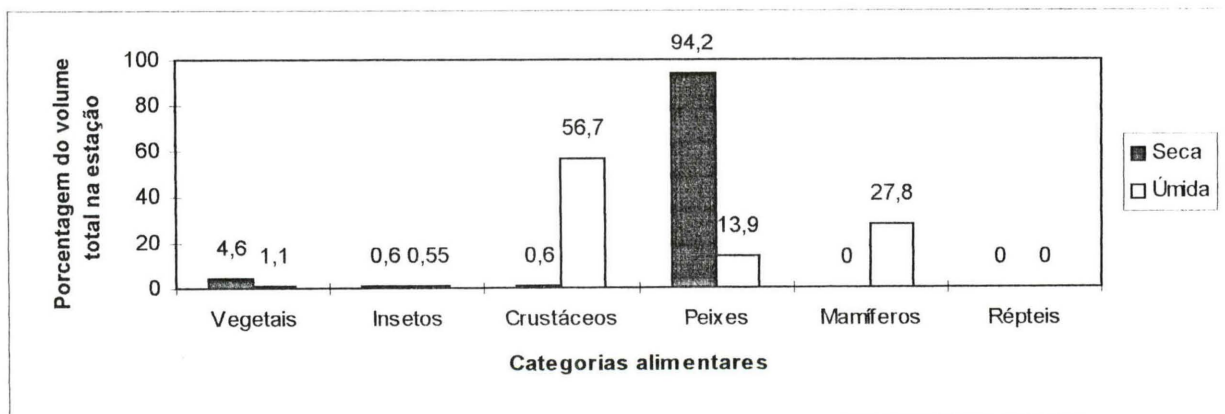
**FIGURA 7:** Fragmentos de crustáceos



**FIGURA 8:** Fezes contendo na sua maioria pêlos.



**FIGURA 9:** Relação entre a porcentagem do volume total com a frequência de ocorrência das categorias alimentares encontradas nas fezes de *Lutra longicaudis*.



**FIGURA 10:** Porcentagem do volume total das seis categorias alimentares encontradas nas amostras fecais de *Lutra longicaudis* nas estações seca e úmida.

Utilizando o cálculo do coeficiente de Sorensen, analisei a similaridade existente entre as três áreas de coleta, isto é, o quanto as categorias alimentares eram iguais às das outras áreas. Os resultados obtidos foram os seguintes:

Áreas 1 e 2:  $S_s = 0,75$

Áreas 1 e 3:  $S_s = 0,88$

Áreas 2 e 3:  $S_s = 0,88$

Como na categoria mamíferos, o item pêlo ocorreu em apenas uma das amostras fecais, calculei o coeficiente de Sorensen sem este item para efeito de comparação, obtendo os seguintes resultados:

Áreas 1 e 2:  $S_s = 0,85$

Áreas 2 e 3:  $S_s = 1$

#### 4. DISCUSSÃO:

O estudo do hábito alimentar de animais silvestres pode ocorrer por observação direta ou indireta através de análise de conteúdo estomacal ou de fezes. O primeiro caso tem por objetivo observar o hábito de forrageamento do animal e coletar, se possível, restos do alimento para identificação (RODRIGUES, 1996). Quanto às observações indiretas, podem ser feitas com base no conteúdo estomacal, p.ex. de animais encontrados mortos em auto estradas (FACURE e MONTEIRO-FILHO, 1996) e pela análise de fezes coletadas nos locais onde os animais vivem (FACURE, 1996). No trabalho de Facure e Monteiro-Filho (1996) com análises de conteúdo estomacal do cachorro-do-mato, *Cerdocyus thous*, foram encontradas basicamente as mesmas categorias alimentares que Facure (1996) encontrou no seu trabalho de análise de fezes da mesma espécie. Isto demonstra que quando grandes categorias alimentares são utilizadas como base para a análise da dieta, os resultados obtidos através da análise de fezes são semelhantes dos obtidos numa análise de conteúdo estomacal. Tal fato demonstra o quanto as análises de fezes podem expressar o que foi ingerido pelo animal.

Estudando a dieta de *Lutra longicaudis* através da análise de fezes, Pardini (1996) e Waldemarin & Colares (1996) verificaram a presença de diferentes categorias alimentares. Neste estudo, assim como ocorreu com os autores acima citados, seis categorias alimentares foram obtidas (insetos, crustáceos, peixes, répteis, mamíferos e vegetais) onde a categoria de maior ocorrência foi peixe (ossos e escamas pertencentes a diferentes espécies) com 47,6% do volume total, ou seja, 29 ml. Esta categoria demonstrou ser de grande importância na dieta do animal, apesar de não ter aparecido em todas as fezes analisadas.

A presença de grande porcentagem de peixes como parte integrante da dieta de lontras não é incomum, pois já havia sido citado em estudos anteriores para a mesma

espécie (PARDINI, 1996; WALDEMARIN & COLARES, 1996) e para outras espécies do Hemisfério Norte (LIERS, 195; KRUUK & HEWSON, 1978; WISE *et al.*, 1981; LARSEN, 1984).

BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS / UFRN

A relação feita entre a frequência de ocorrência das categorias nas fezes e a porcentagem de volume total destas categorias, mostrou que nem sempre a categoria de maior frequência, é o que possui maior volume; por ex. a categoria mamíferos (pêlo) que ocorreu em uma única amostra, apresentou um volume de 19 ml, o que corresponde a 31,2% do volume total. Nesta mesma amostra de fezes ocorreu a categoria réptil (escamas) com um volume 0,1 ml. A categoria vegetal ocorreu em todas as amostras, contudo o seu volume só foi superior aos dos insetos e répteis. Assim como ocorreu com a categoria vegetal, com a categoria inseto também obteve um volume muito baixo, apesar de estar presente em cinco das amostras. Por outro lado, a categoria crustáceo teve um volume considerável, no entanto não esteve presente em todas as amostras.

Com a separação das amostras fecais em duas estações com base em características climáticas, foi possível verificar que houve uma variação entre as duas estações, mas não para todas as categorias alimentares. No caso das categorias vegetais, insetos e répteis praticamente não houve variação, já as categorias crustáceos apresentou um volume maior na estação úmida, ao passo que a categorias mamíferos só ocorreu na estação seca, enquanto que a categoria peixes apresentou volume maior na estação seca. Isso demonstra que pode haver substituição na dieta do animal ao longo do ano em função da disponibilidade dos recursos no ambiente ou facilidade na captura das presas.

Através dos resultados adquiridos com a utilização do coeficiente de Sorensen, foi possível verificar que existe uma boa similaridade entre as diferentes áreas amostradas e que parte das diferenças verificadas são decorrentes da presença da categoria mamíferos (pêlo) coletadas em fezes oriundas do município de Américo Brasiliense. Isso pode ser

verificado quando o mesmo tipo de análise foi realizado sem a categoria em questão, levando a um aumento dos índices obtidos.

Desta forma, foi possível obter neste estudo, mesmo com um pequeno número de amostras fecais, um resultado satisfatório confirmando a grande utilização de peixes por lontras, o que não a impede de explorar outros recursos de forma oportunista, ou seja, quando há mais de um recurso abundante no ambiente, o animal provavelmente preda os itens de mais fácil capturabilidade, ou em períodos de escassez de alimento o animal deve explorar os recursos que estejam disponíveis.

## 5. BIBLIOGRAFIA:

- BRILLHART, D. E. & KAUFMAN, D. W. 1995. Spatial and seasonal variation in prey use by coyotes in north-central Kansas. **Southwest. Nature.**, **40** (2):160-166.
- CABRERA, A. 1957. Catalogo de los Mamiferos de America del Sur. **Rev. Mus. Arg. Ciên. Nat. Bernardino Rivadavia - Perú**, **4**(1):1-730.
- EISENBERG, J. F. 1989. **Mammals of the Neotropics**. Vol. 1. Univesity of Chicago Press. Chicago, USA. 449 p.
- EISENBERG, J. F. 1992. **Mammals of the Neotropics**. Vol. 2. **Univesity of Chicago Press**. Chicago, USA. 430 p.
- FACURE, K. J. 1996. **Ecologia alimentar do cachorro-do-mato, *Cerdocium thous* (Carnivora - Canidae), no Parque Florestal do Itapetininga, Município de Atibaia, Sudeste do Brasil**. Tese de Mestrado - UNICAMP. Campinas, SP. 52p.
- FACURE, K. J. & MONTEIRO FILHO E. L. A. 1996. Feeding habits of the Crab-eating fox, *Cerdocyum thous*, in anthropic areas of Southeastern Brazil. **Mammalia**. Prelo.
- FONSECA, G. A. B. 1994. **Livro Vermelho dos Mamíferos Brasileiros Ameaçados de Extinção**. Belo Horizonte, MG. Fundação Biodiversistas, 479 p.

- FLOYD, T. J., MECH, L. D. & JORDAN, P. L. 1978. Relating wolf scat content to prey consumed. **J. Wildl. Manage.**, **42** (3):528-532.
- IUCN, 1994. IUCN Red List of Threatened Animals. **IUCN Gland, Switzerland and Cambridge, UK.** 286p.
- KREBS, J. C. 1989. **Ecological Methodology.** Harper & Row, Publishers, New York. 654 p.
- KRUUK, H. & HEWSON, R. 1978. Spacing and foraging of otters (*Lutra lutra*) in marine habitat. **J. Zool. London**, **185** : 205-212.
- LARSEN, D. C. 1984. Feeding habitat of river otter in coastal southeastern Alaska. **J. Wildl. Manage.** **48** (4) : 1446-1452.
- LIERS, E. E. 1951. Notes on the river otter (*Lutra canadensis*). **J. Mammal.** **32**(1): 1-9.
- MAACK, R. 1968. **Geografia física do Estado do Paraná.** Editora Universidade Federal do Paraná. 350 p.
- MOURCHES, A. 1981. Variations saisonnières du régime alimentaire chez le blaireau européen (*Meles meles* L.). **Rev. Ecol. (Terre et Vie)**, **35**: 183-194.
- PARDINI, R. 1996. Utilização de recursos alimentares por *Lutra longicaudis* (Carnivora; Mustelidae) em rio de Mata Atlântica, SP. **XXI Congresso Brasileiro de Zoologia (resumo 1158).** Porto Alegre, RS. 276p.



- RODRIGUES, F. R. G. 1996. **História Natural e Biologia comportamental do veado campeiro (*Ozotoceros bezoarticus*) em cerrado do Brasil Central**. Tese de Mestrado - UNICAMP. Campinas, SP. 89p.
- SABINO, J. & CORRÊA e CASTRO, R. M., 1990. Alimentação, Período de Atividade e Distribuição Espacial dos Peixes de um riacho da Floresta Atlântica (Sudeste do Brasil). **Rev. Bras. Biol.**, **50**(1): 23-36.
- SCHOUTEN, K. 1992. Checklist of Cites Fauna and Flora. 238p.
- SILVA, F. 1984. **Mamíferos Silvestres do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, RS. Fundação Zoobotânica do Rio Grande Do Sul. 245 p.
- VIEIRA, C. C. 1955. Lista Remissiva de Mamíferos do Brasil. **Arq. Zool. São Paulo**. **8**: 341 - 474.
- WALDEMARIN, H. L. & COLARES, E. P. 1996. Aspectos do hábito alimentar da lontra (*Lutra longicaudis*) no sul do Estado do Rio Grande do Sul. **XXI Congresso Brasileiro de Zoologia (resumo 1161)**. Porto Alegre, RS. 276p.
- WISE, M. H.; LINN, I. J. & KENNEDY C. R. 1981. A comparison of the feeding biology of Mink *Mustela vison* and otter *Lutra lutra*. **J. Zool. London**, **195** :181-213.

## 6. ANEXO 1:

Tabela discriminando os locais das coletas, as datas e os coletores das fezes de *Lutra longicaudis*.

LOCAL	DATA	COLETOR
Ubatuba - SP	11.12.90	Monteiro Filho, E. L. A.
	13.12.90	
Américo Brasiliense - SP	30.07.92	Sazima, I.
	22.10.92	
Morretes - Pr	02.09.94	Wistuba, E.
	02.09.94	
	02.09.94	
	03.09.94	
	03.09.94	
	30.09.94	
	30.09.94	
	08.12.94	
20.05.95		